



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia
Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa

**A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: REFLEXÕES
SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE EDUCACIONAL**

Maria Andrielly Matos de Lima

Trabalho apresentado à Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia.

Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Paloma Pereira Borba Pedrosa

Recife

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L732d Lima, Maria Andrielly Matos de
A diversidade linguística no português brasileiro: Reflexões sobre o preconceito linguístico no ambiente educacional / Maria Andrielly Matos de Lima. - 2023.
41 f.
- Orientadora: Paloma Pereira Borba Pedrosa.
Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Letras, Recife, 2023.
1. Sociolinguística;. 2. Variação Linguística;. 3. Preconceito Linguístico.. I. Pedrosa, Paloma Pereira Borba, orient. II. Título

A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: REFLEXÕES SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE EDUCACIONAL

Maria Andrielly Matos de Lima
Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE
niellyhmattos@gmail.com

Paloma Pereira Borba Pedrosa
Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE
paloma.borba@ufrpe.br

RESUMO

A presente pesquisa apresenta algumas reflexões, a partir da teoria da sociolinguística, sobre as diferentes formas de comunicação presentes na língua portuguesa, influenciadas pelos fatores sociais, econômicos, históricos e culturais e tem como objetivo geral verificar as concepções linguísticas de 4 (quatro) docentes de Língua Portuguesa da Educação Básica, atuantes no Município de Santa Maria do Cambucá-PE, refletindo sobre a necessidade de práticas pedagógicas que não menosprezem a língua materna no combate ao preconceito linguístico. E, como objetivos específicos, buscou-se: analisar o fenômeno sociolinguístico para uma melhor compreensão acerca dos aspectos da linguagem, discutir a relevância das concepções sociolinguísticas para a práxis pedagógica, evidenciar as contribuições da Linguística Aplicada (LA) para o ensino de língua materna e refletir sobre o papel da escola e do professor diante do preconceito linguístico. Para a construção deste artigo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, baseada em livros e artigos científicos, tendo como aporte teórico as contribuições de Antunes (2003; 2007), Bagno (2007; 2007), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Soares (2000), dentre outros, salientando a relevância de práticas pedagógicas que valorizam a diversidade linguística durante o processo de ensino e aprendizagem, por meio de documentos oficiais que orientam o ensino da língua materna, como os PCNs e a BNCC. Posteriormente, foi realizada uma pesquisa de campo por meio da aplicação de uma entrevista com 4 (quatro) docentes de Língua

Portuguesa, desenvolvida com a finalidade de analisar como abordam esse fenômeno linguístico nas atividades que integram a sua prática pedagógica e sua atuação docente. Desse modo, a finalidade da referida pesquisa é buscar, sobretudo, enfatizar a importância da Variação Linguística (VL) no contexto social, dentre a necessidade de uma reflexão sobre o preconceito linguístico no ambiente educacional, visando obter meios que ampliem o repertório comunicativo dos estudantes e uma valorização da diversidade linguística brasileira. A partir das informações analisadas, conclui-se que é de extrema relevância que haja uma conscientização nas instituições de ensino, de modo que as práticas didático-pedagógicas adotadas pelos docentes de Língua Portuguesa sejam capazes de atribuir o conhecimento necessário acerca da VL, com o intuito de ampliar o repertório comunicativo dos estudantes e visando a desconstrução do preconceito linguístico ainda presente na sociedade, além de contribuir para uma sociedade consciente, capaz de respeitar todo e qualquer tipo de diversidade existente no país.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação Linguística; Preconceito Linguístico.

Introdução

O presente trabalho tem como principal referencial teórico os estudos e pesquisas no âmbito da Sociolinguística, da relação entre o aspecto social e a língua como fenômeno natural, relacionado com as diferentes formas de comunicação e interação sociocultural entre os falantes de determinada língua. Podendo caracterizar-se em diversos aspectos, as variedades linguísticas são ocasionadas por diversos fatores, podendo ser: o nível de escolaridade, contexto sociocultural, regional e entre as diferentes faixas etárias.

O Brasil é um país de grande diversidade linguística. Estima-se que no território brasileiro são faladas mais de 200 línguas, por conta da sua miscigenação cultural, por ter influências africanas, indígenas e europeias que contribuem para essa variedade linguística.

Partindo dos pressupostos supracitados, é perceptível a relevância do papel do professor de Língua Portuguesa na sala de aula, em busca de uma reflexão para conscientização no ambiente educacional, para que os educandos analisem e reflitam sobre a heterogeneidade linguística existente no território brasileiro, objetivando uma perspectiva inclusiva, cultural e construtiva não apenas no contexto escolar, mas, também, no meio social, visando amenizar o preconceito linguístico que, infelizmente, se faz bastante presente na sociedade brasileira. Segundo Marcos Bagno (2007a, p. 9): “O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história entre a língua e a gramática normativa.” Constatamos, após essa afirmação, que a escola pode ser, em partes, culpada por esse preconceito, ao priorizar o trabalho com a norma culta da língua e praticamente ignorar a existência de outras variantes linguísticas, acaba excluindo e menosprezando a amplitude dessa diversidade e, necessariamente, estabelecendo regras no ensinamento do que é “certo” e do que é “errado”, fortalece ainda mais o preconceito linguístico. Conforme evidencia Marcos Bagno:

[...] ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor a sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua

situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. (BAGNO, 2007a, p. 15).

Diante disso, o professor deve sugerir e desenvolver novas metodologias que possam amenizar esse conceito de “certo” e “errado”, a fim de reduzir preconceitos no ambiente educacional, valorizando a diversidade linguística e obtendo uma melhor compreensão dos fatores que a influenciam, demonstrando a sua importância em contextos socioculturais e históricos.

Visto que a língua é considerada heterogênea pelos linguistas, a variação é um processo natural que pode ser influenciado pelos fatores sociais, econômicos, regionais e entre as diferentes faixas etárias. Nessa perspectiva, delineamos como objetivo geral verificar as concepções linguísticas de 4 (quatro) docentes de Língua Portuguesa da Educação Básica, atuantes no Município de Santa Maria do Cambucá-PE, refletindo sobre a necessidade de práticas pedagógicas que não menosprezem a língua materna no combate ao preconceito linguístico, uma vez que trabalhar com diferentes variedades linguísticas em sala de aula é necessário para ajudar a formar cidadãos capacitados para compreender e utilizar a linguagem adequadamente em diversos contextos comunicativos. E como objetivos específicos, tencionamos: analisar o fenômeno sociolinguístico para uma melhor compreensão acerca dos aspectos da linguagem, discutir a relevância das concepções sociolinguísticas para a práxis pedagógica, evidenciar as contribuições da Linguística Aplicada (LA) para o ensino de língua materna e refletir sobre o papel da escola e do professor diante do preconceito linguístico.

Para tanto, foi utilizada como análise metodológica uma abordagem qualitativa, a partir dos dados coletados e analisados durante as leituras e entrevistas realizadas, utilizando como aporte teórico os seguintes autores: Bagno (2007;2007), Bortoni-Ricardo (2004;2005), Soares (2000), dentre outros, com o intuito de salientar a relevância de práticas pedagógicas que valorizam a diversidade linguística durante o processo de ensino e aprendizagem, por meio de documentos oficiais que orientam o ensino da língua materna, como, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

1. Sociolinguística Variacionista – A linguagem como prática social

William Labov (n. 1927) é um sociolinguista norte-americano que contestou a teoria da deficiência linguística, concebendo que a diferença não é deficiência intelectual, mas sim, uma diversidade que ocorre de modo natural, e um processo necessário para seu funcionamento na sociedade. Portanto, Labov defende que a linguagem é um fenômeno social. “[...]Labov rejeita completamente o conceito de “deficiência linguística”, que considera “mito” sem nenhuma base na realidade social.” (SOARES, 2000, p. 44).

William Labov é um dos principais pesquisadores no campo da sociolinguística, que explorou as variações linguísticas na sociedade por meio de análise quantitativa e considerando princípios extralinguísticos, como: sexo, idade, classe social e nível de escolaridade. Os seus estudos foram fundamentais para nosso entendimento das relações entre linguagem e sociedade.

Desse modo, William Labov é amplamente reconhecido por suas contribuições para o campo da sociolinguística, por ter desenvolvido métodos e técnicas inovadoras para investigar as variações linguísticas em diferentes contextos sociais, pois acreditava que a linguagem seria um reflexo das estruturas sociais e que as variações linguísticas poderiam ser usadas para explorar questões sociais mais amplas.

Assim sendo, a Sociolinguística Variacionista, conhecida como teoria da variação, ressalta que tais variações estão correlacionadas com a utilização da língua no meio social, pertencente dentre os indivíduos que partilham de uma mesma cultura e convivem na mesma comunidade.

[...] Labov insiste na importância social do papel do linguista, a quem cabe desmistificá-la, porque só ele pode demonstrar as falácias da teoria, construída por especialistas que não conhecem a natureza da linguagem e não têm uma noção correta das relações entre dialetos-padrão e dialetos não-padrão. (SOARES, 2000, p. 45).

Portanto, a língua é um fator social, sendo, assim, heterogênea, ou seja, ela está sujeita a mudanças e variações no tempo e espaço, visto que, não há uma forma

única de comunicação, ou apenas uma linguagem entre os falantes de uma mesma língua. De acordo com Antunes (2007, p. 22) a língua:

[...] é parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica e social. É por meio dela que nos socializamos, que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade. É a língua que nos faz sentir pertencente a um espaço. [...] Além disso, a língua mexe com valores. Mobiliza crenças, institui e reforça poderes. (ANTUNES, 2007, p. 22).

Desse modo, a finalidade primordial da Sociolinguística é investigar as relações existentes entre a língua e a sociedade, buscando, sobretudo, descrever como esse fenômeno linguístico pode ocorrer no meio social. Conforme destaca Bortoni-Ricardo (2005, p. 20):

A Sociolinguística se ocupa principalmente das diversidades nos repertórios linguísticos das diferentes comunidades conferindo às funções sociais que a linguagem desempenha a mesma relevância que até então se atribuía tão-somente aos aspectos formais da língua.

Em suma, William Labov foi um dos principais sociolinguista do século XX e suas contribuições tiveram um impacto significativo no campo da sociolinguística. Os seus estudos sobre variações linguísticas, mudanças fonológicas e prestígio linguístico ajudaram a avançar nosso conhecimento sobre as relações entre linguagem e sociedade. Ele também desenvolveu métodos inovadores para coletar e analisar dados sociolinguísticos, permitindo uma compreensão mais profunda das variações linguísticas dentro das comunidades.

Assim, a Sociolinguística tem como principal objeto de estudo a variação da língua, em virtude da combinação dos fatores: históricos, socioculturais e regionais, a fim de evidenciar as suas estruturas e evolução no contexto social, destacando as principais diferenças dos dialetos em localidades específicas, dentre os fatores que indicam a rica diversidade linguística presente tanto em uma mesma nação, quanto em países distintos que partilham o mesmo idioma.

2. ***Variação Linguística – A língua em movimento***

No Brasil, a desigualdade social afeta milhares de brasileiros, devido aos fatores econômicos, étnicos, raciais, etc., e o preconceito linguístico acaba contribuindo ainda mais para a discriminação existente na sociedade. Desse modo, a baixa escolaridade é um dos fatores mais evidentes em relação ao preconceito linguístico, mas a classe econômica é um fator ainda mais poderoso nesse aspecto. Se o indivíduo não domina a norma padrão, mas faz parte da elite econômica, ele sofre menos preconceito do que aquele que, além de não dominar a norma culta padrão, ainda é pobre. Essa relação entre preconceito linguístico e preconceito de classes é um dos aspectos mais destacado por Marcos Bagno em suas obras. De acordo com Soares:

O papel central atribuído à linguagem numa e noutra ideologia explica-se por sua fundamental importância no contexto cultural: a linguagem é, ao mesmo tempo, o principal produto da cultura, e é o principal instrumento para sua transmissão. (SOARES, 2000, p. 16).

A pluralidade cultural presente no Brasil influencia diretamente na maneira de como as pessoas se comunicam no meio social, uma vez que a vasta riqueza de costumes, tradições, crenças, dentre outros elementos culturais próprios de uma localidade específica, podem refletir diretamente na diversidade linguística. Portanto, a diversidade de culturas de cada região acaba enriquecendo ainda mais as variedades linguísticas com o passar do tempo.

Assim sendo, é perceptível que cada região do Brasil possui suas particularidades linguísticas, por conta de a língua ser heterogênea e por não haver um modo único de comunicar-se no meio social, pois, cada pessoa se expressa de maneira diferente, seja por valores sociais, históricos ou culturais. Segundo Bagno (2007b, p. 47): “Uma variedade linguística é um dos muitos ‘modos de falar’ uma língua.” Por isso, faz-se necessário uma discussão sobre o assunto em questão, para melhor compreensão, aceitação e respeito de todas as identidades linguísticas, levando em consideração todos os segmentos socioculturais.

Desse modo, as variações linguísticas podem ocorrer no espaço geográfico, chamando-se de *variação diatópica*, que é quando se torna possível uma observação

das diferenças linguísticas em diferentes regiões ou espaços geográficos, relacionadas ao lugar/região em que os falantes estão inseridos. Um exemplo de *variação diatópica* é a atribuição de diferentes palavras para o mesmo conceito, por exemplo: abóbora, jerimum e moranga.

Entre os grupos sociais, conhecida por *variação diastrática*, que está relacionada aos fatores sociais de uma mesma comunidade, isto é, a língua sofre variações de acordo com o nível de escolaridade, faixa etária, vivência, hábitos e cultura de um mesmo grupo social, por exemplo: surfistas, funkeiros, advogados, médicos, professores, dentre outros grupos.

De modo situacional ou ocasional, conhecida por *variação diafásica* ou *variação estilística*, que é quando a linguagem é utilizada em determinadas circunstâncias e contextos comunicativos, ou seja, quando o falante se adapta de acordo com a sua necessidade, em situações ou ambientes específicos, utilizando a linguagem formal ou a informal, conforme a ocasião ou o contexto em que os falantes estão inseridos.

E no decorrer do tempo, conhecida por *variação diacrônica*, que é quando a língua sofre alterações em certos intervalos de tempo, sendo perceptível a observação de algumas mudanças de expressões em diferentes épocas, que faz com que diversas palavras entrem em desuso, por exemplo: vossa mercê, vossemecê, vosmecê, vassuncê, vancê, você, ocê, cê e vc, dentre a mudança na grafia de algumas palavras, como, por exemplo, foi tirado o “ph” de farmácia, já que era uma palavra de origem grega, grafava-se o fonema “f” com o “ph”, assim, como, phosphoro (fósforo).

Em suma, o português brasileiro possui muitas variações, devido a sua miscigenação cultural, uma vez que, a língua não é homogênea, mas sim, heterogênea. E essas variedades são observadas nos dialetos cariocas, mineiros, gaúchos, pernambucanos, baianos, paulistanos, dentre outros. Assim, é perceptível a necessidade de instruir os alunos na escola, conforme a gramática normativa, mas sem excluir ou ignorar a sua forma de interagir no meio social.

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há preconceitos decorrentes do valor social relativo que é

atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação. (BAGNO, 2007b, p. 27).

Portanto, é necessário que a escola busque uma valorização da diversidade linguística, além da desconstrução do preconceito linguístico, no qual o professor será a peça primordial que dará o conhecimento necessário sobre a língua-fala-linguagem, dentre as mais diversas formas de interações na sociedade. Conforme o documento da BNCC (2018, p. 70) destaca:

[...] é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico.

Assim, o principal desafio do professor é mediar todo esse processo, para uma melhor compreensão acerca do funcionamento da língua e dos fenômenos linguísticos durante o processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa.

Dessa forma, pode-se destacar que o ensino da gramática é uma ferramenta poderosa para capacitar os estudantes a compreender e valorizar sua própria língua e cultura, ao mesmo tempo em que desenvolvem habilidades linguísticas essenciais para se comunicarem efetivamente. Uma vez que, ao promover o saber da norma culta, os professores ajudam os estudantes a desenvolverem competências linguísticas que lhes permitirão se comunicar de maneira eficaz em contextos formais e acadêmicos. Isso envolve o estudo da gramática, da ortografia, da sintaxe e do vocabulário adequados, bem como, o desenvolvimento de habilidades de leitura crítica e interpretação de textos.

3. *Preconceito Linguístico – O que é, como se manifesta no contexto educacional?*

O preconceito linguístico pode ser ainda mais reforçado a partir do modelo idealizado de língua, por meio da perspectiva normativa ensinada nas aulas de Língua

Portuguesa, que acaba, por muitas vezes, contribuindo para a rejeição das variações de menor prestígio, uma vez que, quando determinado tipo de expressão é considerado “errado” e não é aceitável por parte da população, por não estar de acordo com a norma culta e/ou por não admitir as variações regionais, sociais, etc., contribui ainda mais para que essa diversidade seja inaceitável no meio social. “Mas essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia geradora do preconceito linguístico.” (BAGNO, 2007a, p. 10).

Desse modo, é inadmissível, na prática de muitos professores, que qualquer forma de “escrever” e de “falar” não esteja de acordo com a gramática prescritiva. Segundo Bagno (2007a, p. 40): “O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogadas nos dicionários.”

Bagno (2007a) cita o maior e mais sério dos mitos que compõem o preconceito linguístico no Brasil, por não reconhecer a verdadeira diversidade sociocultural do português no Brasil e pela tentativa de impor a norma-padrão, como se fosse a única forma correta de comunicação em todo território brasileiro. Conforme aponta Bagno (2007a, p. 121): “[...] Uma elevada porcentagem que se rotula de “erro de português” é, na verdade, mero desvio da ortografia oficial.”

Sendo assim, deve-se ensinar aos alunos a manterem um equilíbrio entre as duas formas, para que possam aprender a utilizá-las em qualquer contexto e/ou dada situação comunicativa, com o intuito de adequar-se conforme o ambiente em que estiverem inseridos, isto é, que a depender do momento ou da circunstância comunicativa, possam se adaptar espontaneamente tanto na oralidade, quanto na escrita. De acordo com Bagno:

Quando falamos (ou escrevemos), tendemos a nos adequar a situação de uso da língua em que nos encontramos: se é uma situação formal, tentaremos usar uma linguagem formal; se é uma situação descontraída, uma linguagem descontraída, e assim por diante. Essa nossa tentativa de adequação se baseia naquilo que consideramos seu grau de aceitabilidade do que estamos dizendo por parte de nosso interlocutor ou interlocutores. (BAGNO, 2007a, p. 129).

Dessa forma, é necessário pensar como podemos estimular a aprendizagem dos alunos durante o ensino e explorar a linguagem como processo de interação sociocultural, motivando os alunos a conhecerem e produzirem diversos tipos de textos, nas mais variadas situações e finalidades, mas sem ignorar a diversidade linguística. Como destaca Bortoni-Ricardo:

É papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas. (2004, p. 74).

No entanto, muitos professores ainda ensinam a gramática de forma irrelevante, sistemática e fragmentada. De acordo com Antunes (2003, p. 33): “uma gramática que não tem como apoio o uso da língua em textos reais, isto é, em manifestações textuais da comunicação funcional e que não chega, por isso, a ser o estudo dos usos comunicativamente relevantes da língua.”

Dessa forma, a preocupação em considerar o que é “correto” e “incorreto”, impossibilita uma visão dos inúmeros aspectos linguísticos relevantes (fatos textuais e discursivos), considerando a língua como imutável e fixando-a em um conjunto de regras inalteráveis e estabelecendo o que é “certo” e o que é “errado”, de acordo com a gramática normativa da Língua Portuguesa. Conforme destaca Bortoni-Ricardo (2005, p. 14):

[...] no Brasil, as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta. A escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo o que se afasta desse código é defeituoso e deve ser eliminado. O ensino da língua é de fato uma atividade impositiva.

Portanto, é necessário reavaliar a “noção de erro”, ocasionada devido a confusão entre a língua escrita e falada, a maioria dos erros estão correlacionados apenas com os erros de grafia. Assim, constata-se que todo usuário nativo de uma língua é absolutamente competente e capaz de dominar o funcionamento de sua língua materna. Por isso, o professor não deve omitir e/ou menosprezar a linguagem coloquial, aquela que utilizamos no nosso dia a dia e de acordo com as nossas experiências, considerando-a como “errada” por violar as regras gramaticais.

Sendo assim, para haver a desconstrução do preconceito linguístico na sala de aula, o ensino de Língua Portuguesa deve ser vinculado com o contexto real de comunicação dos alunos. Isto é, deve estar associado com o uso real da língua(gem) em sua forma corriqueira, para que os alunos constatem que a Variação Linguística é um fenômeno natural da língua. Visto que, a língua é heterogênea e a diversidade linguística é influenciada de acordo com as experiências sociais, culturais e históricas, que refletem diretamente na identidade linguística de determinados grupos sociais.

3.1. Sociolinguística – contribuições para o ensino da Língua materna de acordo com a BNCC e os PCNs

A sociolinguística vem buscando meios de combater o preconceito linguístico, para amenizar essa prática na sociedade, visto que, este conceito de *certo* e *errado* é responsabilidade de quem prescreve, de maneira específica, apenas o uso das regras gramaticais, com a pretensão de ditar a forma de comunicar e escrever corretamente sem levar em consideração a diversidade linguística existente no meio social. De acordo com Bagno:

A gramática tradicional despreza totalmente os fenômenos da língua oral, e quer impor a ferro e fogo a língua literária como a única forma legítima de falar e escrever, como a única manifestação linguística que merece ser estudada. (BAGNO, 2007a, p. 56).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), lançados na década de 90, mantêm sua relevância nos dias atuais. Eles foram um referencial importante para a construção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é o documento mais recente e está em vigor atualmente. Os PCNs estabeleceram diretrizes e orientações para o currículo escolar, abordando aspectos como os objetivos de aprendizagem, conteúdos e metodologias. A BNCC, por sua vez, foi desenvolvida com base nos princípios dos PCNs, ampliando e atualizando as diretrizes curriculares para garantir uma educação de qualidade e alinhada às necessidades atuais dos estudantes.

Assim, os PCNs e a BNCC ressaltam a relevância de ensinar a diversidade linguística no contexto escolar, destacando abordagens que estão em consonância

com os estudos linguísticos contemporâneos e afinadas com teorias de ordem linguístico-discursiva, com a pretensão de diminuir o preconceito linguístico existente na sociedade, além de buscar a ampliação do repertório linguístico dos estudantes.

Frente aos fenômenos da variação, não basta somente uma mudança de atitudes; a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística. Desse modo, não pode tratar as variedades linguísticas que mais se afastam dos padrões estabelecidos pela gramática tradicional e das formas diferentes daquelas que se fixaram na escrita como se fossem desvios ou incorreções (PCN, 1998, p. 82).

De acordo com os PCNs (1998), a sociedade necessita de uma educação de qualidade que atenda às necessidades em seus aspectos socioculturais, políticos e econômicos, permitindo ao aluno engajar-se de forma ativa no mundo em que vivemos, tornando-se, assim, um cidadão reflexivo, crítico e autoconsciente, para que sejam conhecedores dos seus direitos e responsabilidades enquanto cidadãos.

Dessa forma, é imprescindível que haja uma melhor compreensão do fenômeno sociolinguístico para uma melhor proficiência acerca dos aspectos da língua/gem, refletindo sobre a relevância de uma discussão sobre as diversidades linguísticas nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez que, trabalhar com diferentes variedades linguísticas em sala de aula é necessário para ajudar a formar cidadãos capacitados para compreender e utilizar a linguagem adequadamente em diversos contextos comunicativos.

É importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. Para isso, o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa. (PCN, 1998, p. 82).

Bortoni-Ricardo (2005) enfatiza que a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas dos estudantes, e que os professores têm a função de conscientizá-los de que existem diversas formas de se dizer a mesma coisa, pois há diferentes formas de expressar-se em uma mesma língua. Considerando que a construção dos

enunciados depende totalmente das experiências, das necessidades e dos contextos em que os falantes estão inseridos.

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15).

Sendo assim, é necessário fazer as reflexões necessárias e que contribuam de forma significativa para o processo de ensino e aprendizagem, aspirando a desconstrução do preconceito linguístico no ambiente escolar, buscando uma conscientização social que possa trazer mudanças significativas no combate ao preconceito e a discriminação. Conforme orienta a BNCC (2018): “Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos”. (BRASIL, 2018, p. 86). Em outras palavras, visando combater este problema que ocasiona inúmeros prejuízos sociais no país, sendo, portanto, um dos maiores propulsores que ocasionam a exclusão social.

3.2. Linguística Aplicada ao ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa – oralidade, leitura, escrita e análise linguística/semiótica

A partir das contribuições de Ferdinand de Saussure, que estabeleceu a língua como objeto de estudo enquanto fenômeno social, fazendo com que a linguística ganhasse autonomia como ciência, mediante seus estudos sobre a língua/gem, a Linguística Aplicada (LA) surgiu, então, como sub-ramificação da Linguística. Conforme Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011, p. 13) destacam: “[...]somente no final do século XIX e no início do século XX - com a contribuição de Ferdinand de Saussure –, estabeleceu-se oficialmente a ciência linguística, tendo como objeto de estudo a língua”. Assim, a LA emergiu a partir do cenário de preocupações que caracterizaram a Segunda Guerra Mundial, a qual acabou motivando uma grande necessidade de estabelecer uma comunicação eficaz entre falantes de idiomas divergentes, com o intuito de melhorar a

comunicação entre os aliados e na decodificação das mensagens criptografadas para derrotar os inimigos. Segundo Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011, p. 15):

Um resgate histórico da Linguística Aplicada remete à Segunda Grande Guerra, cenário a partir do qual esse campo emergiu como disciplina de estudos, o que se deu por duas razões centrais: por um lado, o pioneirismo foi instigado por atos de guerra (destacando-se o atentado a Pearl Harbor em 1941) que evidenciaram a necessidade premente de se estabelecer comunicação eficaz entre falantes de diferentes línguas, aliados de guerra ou não.

Dessa forma, a guerra acabou motivando os interesses políticos e econômicos daquela época, fazendo com que surgisse um campo de estudos que permitisse o ensino e aprendizagem de línguas.

No entanto, a LA é considerada atualmente como campo de estudo científico, o qual tem como principal funcionalidade investigar a linguagem como prática social, ou seja, tem como função primordial estudar a linguagem aplicada nos mais variados contextos comunicacionais que ocorrem no meio social, analisando o uso real da língua como prática social contextualizada.

Refletir sobre Linguística Aplicada requer, preliminarmente, considerar que a linguagem ocupa lugar central na vida humana; afinal, é ela que nos permite a simbolização do real, uma vez que viabiliza a formação de conceitos, a abstração e a organização cognitiva das representações do mundo extramental. A linguagem permite-nos, ainda e fundamentalmente, a interação social, condição para a vida em sociedade. (RODRIGUES; CERUTTI-RIZZATTI, 2011, p. 13).

Desse modo, é necessário que o docente de Língua Portuguesa ensine os estudantes a adaptarem sua comunicação para diferentes públicos e contextos específicos, melhor dizendo, para que saibam quando utilizar a linguagem formal ou não formal. Assim, de acordo com o que é proposto pelo *bidialetalismo*, os alunos poderão utilizar uma dicção condizente de acordo com o ambiente em que estiverem inseridos. Uma vez que o domínio dessas duas formas dialetais (linguagem culta e linguagem coloquial) é essencial, não para exclusão da língua materna, mas para inclusão de mais um instrumento de comunicação.

A proposta pedagógica de uma escola transformadora, na área da linguagem, aproxima-se pôs, da proposta do bidialetalismo, sugerida pela teoria das diferenças linguísticas: nas duas propostas

identificam-se *diferenças* entre o dialeto de prestígio e os dialetos populares, e rejeita-se a qualificação destes como “deficientes”; nas duas propostas, reconhece-se a necessidade de quem as camadas populares adquiriram o domínio do dialeto de prestígio, não para que eles *substituam* o seu dialeto de classe, mas para que *se acrescente* a ele, como mais um instrumento de comunicação. (SOARES, 2000, p. 74).

Nessa perspectiva, Antunes (2007) defende que a prática pedagógica, no que se refere à língua, não deve ser ensinada em uma concepção reducionista, isto é, baseada apenas na gramática normativa, mas sim, de forma contextualizada, ou seja, articulando o uso da língua oral e a escrita, fazendo com que os alunos possam refletir na sua utilização de acordo com o contexto em que estiverem inseridos.

Somente uma concepção interacionista da linguagem, eminentemente funcional e contextualizada, pode, de forma ampla e legítima, fundamentar um ensino de língua que seja, individual e socialmente, produtivo e relevante. (ANTUNES, 2003, p. 41).

Sendo assim, assumir a dimensão interacional e discursiva da língua(agem) é propiciar um ensino em que a oralidade, a escrita, a leitura e a gramática estejam interligadas durante o ensino de Língua Portuguesa. De modo que o professor possa possibilitar uma aprendizagem mais eficiente/satisfatória acerca da linguagem, isto é, mostrando como os alunos poderão adequar-se em ambientes informais e formais, a depender da situação e do contexto em que estiverem inseridos.

No que se refere às atividades em torno da escrita, Antunes (2003) destaca que, durante o processo da sua aquisição, é ignorada a interferência decisiva do sujeito aprendiz. Assim, trabalhar com a prática de uma escrita que é limitada, artificial, inexpressiva, sem função e improvisada não fará com que os alunos adquiram as habilidades necessárias durante as produções textuais (com início, meio e fim), capaz de expressar sentidos e intenções de forma coerente e coesa. Nesse sentido, Antunes (2003, p. 121) ressalta que: “mesmo quando se está fazendo a análise linguística de categorias gramaticais, o objeto de estudo é o texto”. Em outras palavras, a prática de uma escrita mecânica e centrada apenas em regras ortográficas, não consegue contribuir de forma significativa na aprendizagem dos discentes.

Dessa forma, Antunes (2003) enfatiza a relevância de inserir propostas teórico-metodológicas inovadoras e relevantes no que se refere à oralidade, à leitura, à escrita e à reflexão da língua em seu uso real, mas também, sobre a importância do exercício pedagógico no ensino da língua e do seu funcionamento, em busca de ampliar a competência no uso oral e escrito da Língua Portuguesa, com o intuito de atender às necessidades dos jovens e das crianças, dando-lhes um ensino de qualidade e adequado da linguagem verbal, oral e escrita. Como afirma Antunes (2003, p. 108): “o professor precisa ser visto como alguém que pesquisa, observa, levanta hipóteses, analisa, reflete, descobre, aprende, reaprende”.

Outrossim, é imprescindível buscar propor atividades escolares baseadas no uso social da linguagem para o domínio da escrita e na formação de leitores críticos e competentes, dentre outras habilidades que o(a) professor(a) de Língua Portuguesa poderá estimular com a sua prática docente.

Sentimos na pele que não dá mais para tolerar uma escola que, por vezes, nem sequer alfabetiza (principalmente os mais pobres) ou que, alfabetizando, não forma leitores nem pessoas capazes de expressar-se por escrito, coerente e relevantemente, para, assumindo a palavra, serem autores de uma nova ordem das coisas. É, pois, um ato de cidadania, de civilidade, da maior pertinência, que aceitemos, ativamente e com determinação, o desafio de rever e de reorientar a nossa prática de ensino da língua. (ANTUNES, 2003, p. 37).

Por isso, o ensino de língua materna deve ser promovido de forma interativa e mediado pela linguagem, considerando os fatores que possibilitam uma melhor reflexão e compreensão dos usos da língua no meio social, constatando, assim, a relevância de cada gênero textual que nos permeia, dentre o seu aspecto social particular, de acordo com a sua finalidade comunicativa e especificidades, que permitem uma percepção de como a linguagem é concebida socialmente e que depende dos contextos em que os enunciados são produzidos.

[...] porque no texto que a língua – objeto de estudo – se revela em sua totalidade quer enquanto conjunto de formas e de seu reaparecimento, quer enquanto discurso que remete a uma relação intersubjetiva constituída no próprio processo de enunciação marcada pela temporalidade e suas dimensões. (GERALDI, 1993, p. 135).

De acordo com Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011), um ensino coerente deve tratar a língua como prática social contextualizada, tendo que propor aos alunos a análise e a reflexão quanto ao funcionamento da língua. Para isso, devemos, enquanto professores de língua materna, propor textos autênticos para a leitura e a produção textual com as devidas orientações, discutindo com os alunos os possíveis sentidos para os textos lidos e escritos, bem como, os recursos linguísticos e os fatores contextuais que permitem a produção de tais sentidos, com o intuito de proporcionar uma melhor reflexão aos alunos sobre recursos expressivos que eles precisam dominar para a aquisição da leitura e da produção textual.

Em suma, a leitura e a escrita são ferramentas indispensáveis para o processo de interpretação dos variados gêneros textuais. Através da leitura, os alunos são expostos a diferentes tipos de textos, ampliam seu vocabulário, desenvolvem o pensamento crítico e adquirem conhecimento sobre diversos assuntos. A escrita, por sua vez, permite que eles expressem suas ideias de forma organizada, coerente e persuasiva, além de aprimorar sua capacidade de argumentação e comunicação.

Contudo, é necessário pensar como pode-se estimular a aprendizagem dos alunos durante o ensino, explorando a linguagem como processo de interação sociocultural, isto é, utilizar a “[...] língua em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados, percebendo as diferenças entre uma forma de expressão e outra”. (GERALDI, 1985, p. 47), motivando os alunos a conhecerem e produzirem diversos tipos de textos, nas mais variadas situações e finalidades, mas sem ignorar a diversidade linguística, isto é, o contexto real dos alunos. Com isso, o papel da escola no ensino da leitura e da escrita deve ser importante no reconhecimento das práticas de letramento que caracterizam as realidades culturais dos alunos e na promoção de sua ressignificação e expansão de tais práticas.

Desse modo, é importante ressaltar que o ensino da gramática deve ser realizado de forma contextualizada, significativa e integrado às práticas de leitura, escrita e produção textual. Os alunos devem ser incentivados a aplicar o conhecimento gramatical em situações reais de comunicação e a refletir sobre a função e o uso da linguagem em diferentes contextos.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Caracterização da pesquisa

Para o desenvolvimento da pesquisa, o ponto de partida se deu por meio de uma revisão bibliográfica, no que se refere sobre a diversidade linguística e ao ensino da língua materna, a partir da pesquisa de alguns estudiosos que contribuíram de forma significativa para a investigação da temática abordada. Conforme Gil (2002, p. 44): “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Dessa forma, a presente pesquisa teve como aporte teórico as contribuições de Antunes (2003;2007), Bagno (2007; 2007), Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Soares (2000), dentre outros, além de buscar suscitar a relevância de práticas pedagógicas que valorizam a diversidade linguística durante o processo de ensino e aprendizagem por meio de documentos oficiais que orientam o ensino da língua materna, como os PCNs e a BNCC. Para o desenvolvimento da segunda parte do trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo.

A pesquisa de campo é utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los. (LAKATOS; MARCONI, 2010).

Foi adotada como análise metodológica uma abordagem quali-quantitativa de natureza descritiva, a partir dos dados coletados e analisados. Tendo em vista que, a mesma propiciou uma melhor conexão entre o pesquisador com objeto pesquisado e, assim, a partir execução das entrevistas com os docentes de Língua Portuguesa, permitiu uma melhor compreensão acerca do fenômeno estudado.

4.2 Instrumentos e Técnicas de Coleta de Dados

Os instrumentos e as técnicas utilizadas para a coleta de dados se deram por meio de duas etapas distintas, a primeira etapa partiu do levantamento bibliográfico de acordo com as devidas orientações, acerca da temática dessa pesquisa.

Posteriormente, já na segunda etapa, foi realizada a aplicação de uma entrevista semiestruturada com 4 (quatro) docentes de Língua Portuguesa, que ensinam na Escola Professor Agripino de Almeida, da rede municipal de Santa Maria do Cambucá/PE.

Para isso, inicialmente, foi necessária uma revisão bibliográfica, no que se refere à diversidade linguística e ao ensino da língua materna, a partir da pesquisa de alguns estudiosos que contribuíram de forma significativa para investigação da temática abordada. E, por fim, a entrevista semiestruturada aplicada com os docentes de Língua Portuguesa foi desenvolvida com a finalidade de analisar como abordam esse fenômeno linguístico durante o ensino de língua materna, dentre o perfil das turmas em que lecionam e a sua formação profissional.

4.3. Descrição da Amostra

Os sujeitos da pesquisa são 4 (quatro) professores(as) de Língua Portuguesa, sendo 2 (dois) do sexo feminino e 2 (dois) do sexo masculino, da Escola Professor Agripino de Almeida, que ensinam, especificamente, nos anos finais do Ensino Fundamental.

4.4. Cenário da Pesquisa

A escola escolhida é municipal, seus turnos de funcionamento são: matutino e vespertino. Os alunos da referida instituição de ensino possuem uma vasta diversificação social e econômica. A Escola Professor Agripino de Almeida está localizada na Rua Doutor Miguel Braz, Nº 349, no centro da cidade de Santa Maria do Cambucá-PE, oferece Educação Especial, Educação Infantil, Ensino Fundamental anos iniciais (1º aos 5º anos) e Ensino Fundamental anos finais (6º aos 9º anos).

4.5. Procedimentos de Análise e Interpretação de Dados

Os procedimentos de análise e interpretação dos dados ocorreu por meio da discussão dos resultados coletados e por meio da entrevista semiestruturada, que

serviram de base para analisar a sua aplicação com os docentes de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental. Com a finalidade de analisar os resultados obtidos por meio da entrevista aplicada, para facilitar o entendimento dos conteúdos coletados durante a sua realização.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, serão apresentados os resultados obtidos a partir da aplicação das entrevistas semiestruturadas com os docentes de Língua Portuguesa, fundamentados nos dados obtidos por meio da sua aplicação, com a finalidade de compreender qual é o tratamento dado à Variação Linguística (VL) na sala de aula e como procuram combater o preconceito linguístico durante o processo de ensino e aprendizagem.

Para tanto, apresentamos abaixo o quadro com os dados das informações obtidas a respeito da formação e especialização (se houver) dos professores entrevistados, dentre o tempo de docência de cada um, no qual foi atribuído P1 e P2 aos professores e P3 e P4 às professoras.

Quadro 1 – Perfil dos docentes entrevistados

	Tempo de atuação	Graduação	Especialização
P1	34 anos	Letras	Literatura
P2	32 anos	Letras	Língua Portuguesa
P3	27 anos	Letras	Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa
P4	26 anos	Letras	Educação

Fonte: elaborado pela autora, 2023.

Conforme observamos acima, todos os professores possuem uma excelente experiência profissional, tendo em vista que todos atuam há mais de 26 anos em sala de aula, e todos possuem especialização.

Após a análise das entrevistas com os docentes de Língua Portuguesa, foi possível observar que os entrevistados compreendem a importância da Sociolinguística no campo educacional, dentre a sua relevância para a formação profissional na área de Letras, a fim de que o docente possa buscar estratégias de ensino que priorizem o desenvolvimento de habilidades de uso dos recursos linguísticos, visando a ampliação do repertório comunicativo dos envolvidos, mas sem menosprezar a língua materna durante o processo de ensino e aprendizagem, isto é, para que os alunos consigam adequar-se às mais diversas situações comunicativas no meio social, para que consigam utilizar de forma adequada a norma padrão, mas saibam, sobretudo, respeitar as variações linguísticas, constatando que esse fenômeno é algo natural e que toda língua sofre modificações ao longo do tempo.

Conforme o P1 destaca sobre a Sociolinguística: “Para o educador formado na área de Letras, é fundamental que possua os conhecimentos pertinentes à Sociolinguística, a fim de que possa lidar bem com possíveis situações que venham acontecer no ambiente escolar entre educandos, fazendo levantamento de onde o aluno veio, suas atitudes, posturas, hábitos de fala, considerando também relações sociais, culturais e econômicas de cada indivíduo”. De acordo com o P3, os estudos Sociolinguísticos contribuem de forma significativa na formação docente, principalmente para que compreendam que não existe forma “certa” ou “errada” de expressar-se no meio social. Assim como o mesmo destaca: “[...]quando tem contato com a Sociolinguística, os estudantes começam a entrar em um admirável mundo novo da língua, porque percebem que o certo e errado só funciona em programas de TV, como o de soletração”.

No entanto, de acordo com as respostas dos professores P2 e P4, percebemos que a VL não é abordada com tanta frequência, isto é, não é explorada da forma desejável para que os alunos possam reconhecer a variação como um fenômeno natural da língua. De acordo com as respostas do P2: “Geralmente eu sigo o que está contido no planejamento anual, mas, dependendo das circunstâncias, faço abordagens necessárias”. E conforme o P4: “Não se tem frequência [...]”. Sendo assim, como a VL é apresentada de forma superficial ou não é abordada regularmente, acaba comprometendo uma melhor compreensão acerca do fenômeno linguístico, além de

inviabilizar uma melhor discussão sobre a sua relevância na formação de identidades culturais nos contextos sociais, com a finalidade de combater quaisquer preconceitos e/ou estigmas que venham a manifestar em decorrência de usos linguísticos menos prestigiados pela sociedade.

No que se refere a importância sobre articular sobre o referido assunto nas aulas, o P2 revela que: “Sim. É através deste assunto que combatemos o preconceito em sala de aula e esclarecemos o quanto é importante respeitar as diferenças que existem na fala das pessoas e o porquê de elas falarem dessa forma”.

Em síntese, embora que todos os professores considerem que o ensino da VL seja de bastante relevância na sala de aula, com a finalidade de amenizar o preconceito linguístico, é perceptível que o assunto não é discutido de forma satisfatória durante as aulas de Língua Portuguesa.

Em relação às respostas do P1 e P4, compreendemos que a VL é discutida frequentemente em suas aulas e que procuram conduzi-las de acordo com a realidade dos seus alunos, para que consigam constatar os fatores que influenciam essa diversidade linguística, com a intenção de desenvolver o senso crítico dos envolvidos e possam promover, a partir dessa reflexão, uma consciência de como utilizar a linguagem culta ou coloquial em contextos e situações de usos específicos/as. Desse jeito, as respostas de ambos explicitam a cautela em buscar propiciar um ensino de qualidade, por meio de atividades que abrange os mais variados contextos comunicativos, permeados pelos usos da linguagem formal e em sua forma corriqueira, com vistas a combater quaisquer tipos de preconceito e/ou discriminação que venha a surgir na sala de aula e de expandir o repertório comunicativo dos envolvidos durante o processo educativo.

Através dessa pesquisa, percebemos que o principal desafio do professor é mediar todo o processo de ensino e aprendizagem para uma melhor compreensão acerca do funcionamento da língua e dos fenômenos linguísticos, não apenas com a finalidade de ampliar o repertório comunicativo dos estudantes, mas também, para refletir sobre o preconceito linguístico no ambiente educacional, com o propósito de buscar meios de promover uma valorização das diversidades linguísticas existentes no meio social e para obter uma melhor compreensão de como a língua funciona entre os

falantes em vários contextos de comunicação, a fim de desconstruir os estereótipos criados para falantes específicos e para amenizar a intolerância linguística.

Portanto, é importante que o ensino da língua nas escolas contemple tanto a norma culta quanto as variações linguísticas, proporcionando aos estudantes o conhecimento e a compreensão necessários para se comunicar de maneira adequada em diferentes contextos. Isso inclui o estudo da gramática, do vocabulário e do estilo da norma culta, mas também o reconhecimento e o respeito pelas variações linguísticas presentes na sociedade.

Ao promover o estudo da gramática de maneira dinâmica e envolvente, os profissionais da educação capacitam os alunos não apenas a dominar a norma culta da língua, mas também a desenvolver habilidades linguísticas essenciais para se comunicarem efetivamente, interpretarem textos de forma crítica e participarem ativamente na sociedade.

Portanto, os profissionais da educação desempenham um papel essencial ao promover o saber da norma culta e ensinar a leitura e a escrita como ferramentas indispensáveis para a interpretação e produção de diversos gêneros textuais. Isso contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes, capacitando-os a se expressarem com clareza, compreenderem o mundo ao seu redor e participarem de forma crítica e informada na sociedade.

Dessa forma, todos terão acesso às diferentes formas de pensar a língua e poderão se expressar de maneira mais ampla e inclusiva, respeitando a diversidade linguística e promovendo a valorização de todas as manifestações linguísticas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o preconceito linguístico está correlacionado com a sociedade e é de extrema importância que o professor busque novas metodologias que visem uma reflexão mais ampla sobre a sociolinguística. Uma vez que a sua aplicação em sala de aula dará mais conscientização sobre a diversidade linguística, apontando as diversas formas de comunicação social, pretendendo salientar que a linguagem é um fato sociocultural e histórico, isto é, que as modificações da língua e o seu funcionamento estão relacionados à convivência e a cultura humana. De acordo com Bagno (2007a, p. 14) o docente deve, sobretudo: “[...] encontrar os meios mais adequados de combater esse preconceito no nosso dia a dia, na nossa atividade pedagógica de professores em geral e, particularmente, de professores de língua portuguesa.”

Assim, o diálogo entre professor e aluno é crucial para superar a intolerância linguística e promover uma compreensão mais ampla das variações linguísticas. Levando em consideração que a escola desempenha um papel fundamental na formação dos alunos, devendo ensinar as normas gramaticais, mas também, valorizar a língua materna dos estudantes. O professor deve impulsionar a discussão sobre as variações linguísticas, conscientizando os alunos sobre o funcionamento da língua em diferentes contextos e combatendo o preconceito linguístico.

De acordo com os pressupostos de Antunes (2003; 2007), Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011), dos PCNs (1998) e da BNCC (2018), o docente deve utilizar os gêneros discursivos como ferramenta primordial durante o processo de aprendizagem, focando no texto como parte indissociável da atividade discursiva, a fim de aprimorar as habilidades comunicativas dos discentes em diferentes contextos sociais, para que os discentes possam analisar o uso da língua em sua forma natural/real, que é basicamente como ocorrem as construções ideológicas de um texto, podendo incentivá-los a praticarem a leitura de forma autônoma, a produzir textos e, ao mesmo tempo, na oralidade, expandindo a sua competência linguística e discursiva por meio da análise de gêneros textuais. Portanto, é necessário que o professor utilize metodologias inovadoras, capazes de atribuir o conhecimento necessário acerca da VL, visando contribuir na formação humana, além de desenvolver o pensamento crítico dos estudantes.

Referências:

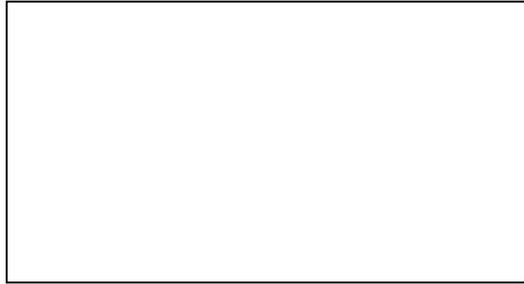
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação** (Livro). São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico – O que é e como se faz**. 48ª e 49ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BORTONI-RICARDO. Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO. Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL. Base nacional comum curricular (BNCC). **Educação é a base**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 03 out. 2023.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula: leitura e produção**. 3ª. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1985.
- GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LABOV, William. Padrões sociolinguísticos. Tradução Marcos Bagno, Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

RODRIGUES, Rosângela Hammes; CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth. **Linguística aplicada**: ensino de língua materna. Florianópolis: LLV/ CCE/UFSC, 2011.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola**: uma perspectiva social. 17ª Edição, São Paulo: Editora Ática, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A



TERMO DE ANUÊNCIA PARA PESQUISA DO TCC

Instituição Coparticipante: ESCOLA PROFESSOR AGRIPINO DE ALMEIDA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: REFLEXÕES SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO NO AMBIENTE EDUCACIONAL**”, sob responsabilidade da discente Maria Andrielly Matos de Lima, com o objetivo de analisar o fenômeno sociolinguístico para uma melhor compreensão acerca dos aspectos da linguagem, refletindo sobre a importância de uma discussão sobre as diversidades linguísticas nas aulas de Língua Portuguesa, por meio de entrevistas com os docentes da referida instituição de ensino, ressaltando sobre o quão o processo de ensino e aprendizagem reflete na construção de concepções acerca da língua/linguagem.

Assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada nessa instituição.

Atenciosamente,

Assinatura e carimbo do responsável institucional

ANEXOS

ANEXO 1 – DADOS PESSOAIS DOS PROFESSORES E ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

DADOS PESSOAIS

1. Sexo:
 Feminino
 Masculino

2. Locais onde atua como docente de língua materna:
 Escola Pública
 Escola particular

3. Curso de formação profissional:
 Curso de Letras completo
 Curso de Letras incompleto
 Pós-graduação (Mestrado, Doutorado)
 Pós-graduação (especialização)

4. Se tiver pós-graduação, em que área foi?
 Educação
 Letras
 Outra: _____

5. Qual o tempo de formação:
 recém-formado
 entre 1 e 5 anos
 mais de 5 anos

6. Há quanto tempo leciona: ____ anos.
7. Na sua formação, o estudo de Sociolinguística pode ser considerado:
 excelente () bom
 razoável () fraco
 não fiz estudos de Sociolinguística

8. Características sociais dos alunos na escola onde você trabalha:
 predominantemente de classe média
 predominantemente de classe socioeconômica baixa
 um misto de classe socioeconômica média e baixa

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

9. Como você procura combater o preconceito linguístico nas aulas de Língua Portuguesa? Explique.

10. Com que frequência você aborda a Variação Linguística nas suas aulas?

11. Você considera relevante o ensino da Variação Linguística? Por quê? Explique.

12. Na sua concepção, qual a relevância da sociolinguística na formação do professor da área de Letras? Explique.

13. Em sua opinião, como o entendimento da linguística pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem da língua materna? Explique.

Entrevista semiestruturada (professor) para a pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **"A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: REFLEXÕES NO AMBIENTE EDUCACIONAL NO COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO"**, sob responsabilidade da discente Maria Andrielly Matos de Lima, discente da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

DADOS PESSOAIS

1. Sexo:

- Feminino
 Masculino

2. Locais onde atua como docente de língua materna:

- Escola Pública
 Escola particular

3. Curso de formação profissional:

- Curso de Letras completo
 Curso de Letras incompleto
 Pós-graduação (Mestrado, Doutorado)
 Pós-graduação (especialização)

4. Se tiver pós-graduação, em que área foi?

- Educação
 Letras
 Outra: _____

5. Qual o tempo de formação:

- recém-formado
 entre 1 e 5 anos
 mais de 5 anos

6. Há quanto tempo leciona: 34 anos.

7. Na sua formação, o estudo de Sociolinguística pode ser considerado:

- excelente bom
 razoável fraco
 não fiz estudos de Sociolinguística

8. Características sociais dos alunos na escola onde você trabalha:

- predominantemente de classe média
 predominantemente de classe socioeconômica baixa
 um misto de classe socioeconômica média e baixa

1. Como você procura combater o preconceito linguístico nas aulas de Língua Portuguesa? Explique.

Nas aulas de Língua Portuguesa, quando surge alguma discussão quanto ao preconceito linguístico, procuro combater citando situações semelhantes e ressaltando que as diferentes falares são tidos normais por vivermos em um país continental em que cada região específica faz uso de um modo peculiar de falar o idioma, isso deve ser respeitado, já que o que realmente importa é que haja o processo comunicativo entre os falantes.

2. Com que frequência você aborda a Variação Linguística nas suas aulas?

A própria variação linguística é um dos conteúdos que se trabalha nas aulas de Língua Portuguesa, isso significa que o próprio educando já está munido dessa informação, assim, toda vez em que há uma ocorrência de tal natureza, voltamos a falar a respeito, ou seja, falamos sempre que necessário.

3. Você considera relevante o ensino da Variação Linguística? Por quê? Explique.

É de suma importância o ensino da variação linguística, isso leva o educando a respeitar-se e respeitar os outros quanto aos sotaques, gírias, jargões, dialetos, entre outros. Jamais se deve fazer críticas a um indivíduo ao observar o seu modo comunicativo, pois este falante pode ser do Norte, Nordeste, em nada deve ser diminuído dos sulistas, no que diz respeito aos aspectos linguísticos.

4. Na sua concepção, qual a relevância da sociolinguística na formação do professor da área de Letras? Explique.

Para o educador formado na área de Letras é fundamental que possua os conhecimentos pertinentes à sociolinguística, a fim de que possa lidar bem com possíveis situações que venham acontecer no ambiente escolar entre educandos fazendo levantamento de onde o aluno veio, suas atitudes posturas, hábitos de fala, considerando também relações sociais, culturais e econômicas de cada indivíduo.

5. Em sua opinião, como o entendimento da linguística pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem da língua materna? Explique.

O entendimento da linguística facilita o papel do educador quanto a necessidade de atendimento ao seu aluno - o educando - nas realizações das atividades em sala de aula. Deve-se portanto ter em mente que é através desta área de conhecimento (Linguística) que se estuda o modo como o idioma é colocado em prática para a sociedade.

Entrevista semiestruturada (professor) para a pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **“A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: REFLEXÕES NO AMBIENTE EDUCACIONAL NO COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO”**, sob responsabilidade da discente Maria Andrielly Matos de Lima, discente da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

DADOS PESSOAIS

1. Sexo:
 Feminino
 Masculino
2. Locais onde atua como docente de língua materna:
 Escola Pública
 Escola particular
3. Curso de formação profissional:
 Curso de Letras completo
 Curso de Letras incompleto
 Pós-graduação (Mestrado, Doutorado)
 Pós-graduação (especialização)
4. Se tiver pós-graduação, em que área foi?
 Educação
 Letras
 Outra: _____
5. Qual o tempo de formação:
 recém-formado
 entre 1 e 5 anos
 mais de 5 anos
6. Há quanto tempo leciona: 32 anos.
7. Na sua formação, o estudo de Sociolinguística pode ser considerado:
 excelente bom
 razoável fraco
 não fiz estudos de Sociolinguística
8. Características sociais dos alunos na escola onde você trabalha:
 predominantemente de classe média
 predominantemente de classe socioeconômica baixa
 um misto de classe socioeconômica média e baixa

9. Como você procura combater o preconceito linguístico nas aulas de Língua Portuguesa? Explique.

Através do diálogo, esclarecendo e motivar pelas quais as pessoas falam diferentemente da norma padrão.

10. Com que frequência você aborda a Variação Linguística nas suas aulas?

Geralmente eu sigo o que está contido no planejamento anual, mas, dependendo das circunstâncias, faço abordagens necessárias.

11. Você considera relevante o ensino da Variação Linguística? Por quê? Explique.

Sim. É através deste assunto que combatemos o preconceito em sala de aula e esclarecemos o quanto é importante respeitar as diferenças que existem na fala das pessoas e o porquê delas falarem dessa forma.

12. Na sua concepção, qual a relevância da sociolinguística na formação do professor da área de Letras? Explique.

É de suma importância para o professor de letras apropriar-se deste conhecimento para o melhoramento da sua formação como docente.

13. Em sua opinião, como o entendimento da linguística pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem da língua materna? Explique.

A linguística como instrumento sócio-cultural, que faz uso da linguagem como produto social torna-se indispensável diante do processo de ensino-aprendizagem de novo idioma, porque permite que os alunos compreendam que as sociedades necessitam fazer uso da linguagem para se comunicarem e estabelecerem relações.

Entrevista semiestruturada (professor) para a pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **"A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: REFLEXÕES NO AMBIENTE EDUCACIONAL NO COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO"**, sob responsabilidade da discente Maria Andrielly Matos de Lima, discente da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

DADOS PESSOAIS

1. Sexo:
 Feminino
 Masculino
2. Locais onde atua como docente de língua materna:
 Escola Pública
 Escola particular
3. Curso de formação profissional:
 Curso de Letras completo
 Curso de Letras incompleto
 Pós-graduação (Mestrado, Doutorado)
 Pós-graduação (especialização)
4. Se tiver pós-graduação, em que área foi?
 Educação
 Letras
 Outra: *Linguística aplicada ao ensino da língua Portuguesa*
5. Qual o tempo de formação:
 recém-formado
 entre 1 e 5 anos
 mais de 5 anos
6. Há quanto tempo leciona: 27 anos.
7. Na sua formação, o estudo de Sociolinguística pode ser considerado:
 excelente bom
 razoável fraco
 não fiz estudos de Sociolinguística
8. Características sociais dos alunos na escola onde você trabalha:
 predominantemente de classe média
 predominantemente de classe socioeconômica baixa
 um misto de classe socioeconômica média e baixa

1. Como você procura combater o preconceito linguístico nas aulas de Língua Portuguesa? Explique.

É nesse papel como professor oferecer a informação de forma que as pessoas conheçam bem a língua falada, tanto escrita quanto falada. Conhecendo há diversos fatores históricos, regionais e sociais que influenciam nessa perspectiva do curso de conhecimento, isso, de certa forma, gera várias situações de preconceito por isso esse conteúdo faz parte das aulas iniciais. Busco trabalhar a partir de situações percebidas em sala algumas vezes, além de outras relatadas pelos próprios alunos. O conteúdo é diferenciado através de cada de conversas, buscando o porquê de determinado uso, onde é permitido e por que em determinadas situações aqueles termos não ficam bem. Priorizando sempre o respeito e deixando claro que o preconceito deve ser combatido.

2. Com que frequência você aborda a Variação Linguística nas suas aulas?

Esse conteúdo é trabalhado em todos os bimestres do ano letivo.

3. Você considera relevante o ensino da Variação Linguística? Por quê? Explique.

Com certeza, o ensino da variação linguística é relevante, pois contribui bastante para o combate ao preconceito linguístico a partir do momento que o professor trabalha com as variadas características do uso da língua de seus alunos, mostrando a eles, nos diversos contextos, a perspectiva sociolinguística de "adequado" e "inadequado", por exemplo, o uso de gírias, abreviações e adequadas nos diálogos entre amigos nas redes sociais, entre colegas, já no ambiente mais formal, como numa atividade escrita de produção textual, deve-se priorizar aspectos mais gerais da língua, embora o contexto. Entendendo-se assim, que o uso de gírias seria inadequado para esse contexto.

4. Na sua concepção, qual a relevância da sociolinguística na formação do professor da área de Letras? Explique.

É relevante, pois mostra a equipe docente que há uma ciência específica para estudar nessa área, o estudo da língua e sua funcionalidade. Além disso contribui fortemente com a formação dos acadêmicos de Letras, os quais muitas vezes entram na faculdade com uma visão bastante equivocada sobre o funcionamento da nossa língua. Tudo para eles se resume no ato em si, não pode e não pode. Há quem, quando tem contato com a sociolinguística, os estudantes começam a entrar em um admirável mundo novo da língua, porque percebem que o ato é criado e funciona em programas de TV, como o de sátira. A língua é um conjunto de variedades as quais se explicam conforme a classe, o sexo, a idade, o tempo, a profissão, a região do falante. Independentemente do gênero do falante.

5. Em sua opinião, como o entendimento da linguística pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem da língua materna? Explique.

Elle traz uma contribuição altamente relevante, pois graças a ela é possível entender a estrutura da língua materna, incluindo a fonética, fonologia, morfologia, sintaxe e semântica e assim compreender suas especificidades. Identificam os erros mais comuns cometidos pelos alunos e desenvolvem estratégias para ensinar habilidades de leitura e produção de texto. Tudo isso traz sua importância na aprendizagem da língua.

Entrevista semiestruturada (professor) para a pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado **"A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: REFLEXÕES NO AMBIENTE EDUCACIONAL NO COMBATE AO PRECONCEITO LINGUÍSTICO"**, sob responsabilidade da discente Maria Andrielly Matos de Lima, discente da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

DADOS PESSOAIS

1. Sexo:

- Feminino
 Masculino

2. Locais onde atua como docente de língua materna:

- Escola Pública
 Escola particular

3. Curso de formação profissional:

- Curso de Letras completo
 Curso de Letras incompleto
 Pós-graduação (Mestrado, Doutorado)
 Pós-graduação (especialização)

4. Se tiver pós-graduação, em que área foi?

- Educação
 Letras
 Outra: _____

5. Qual o tempo de formação:

- recém-formado
 entre 1 e 5 anos
 mais de 5 anos

6. Há quanto tempo leciona: 26 anos.

7. Na sua formação, o estudo de Sociolinguística pode ser considerado:

- excelente bom
 razoável fraco
 não fiz estudos de Sociolinguística

8. Características sociais dos alunos na escola onde você trabalha:

- predominantemente de classe média
 predominantemente de classe socioeconômica baixa
 um misto de classe socioeconômica média e baixa

9. Como você procura combater o preconceito linguístico nas aulas de Língua Portuguesa? Explique.

Conscientizar sobre sua importância com destaque nas diferenças regionais, seus costumes, gerações promovendo atividades com meios de saber enfrentar o preconceito linguístico

10. Com que frequência você aborda a Variação Linguística nas suas aulas?

Não se tem frequência. A importância da língua está na comunicação. Se tem comunicação evidentemente terá variações linguísticas. Os próprios(as) alunos(as) percebem a situação no momento da fala e eu aproveito para abordar o tema independente do dia.

11. Você considera relevante o ensino da Variação Linguística? Por quê? Explique.

Sim. Porque o entendimento da evolução das línguas, a cultura, a relação com o mundo, a percepção através da comunicação tornam-se partes fundamentais para o crescimento cognitivo.

12. Na sua concepção, qual a relevância da sociolinguística na formação do professor da área de Letras? Explique.

Contribuir para a compreensão das diversidades da evolução das línguas com suas características existentes na sociedade.

13. Em sua opinião, como o entendimento da linguística pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem da língua materna? Explique.

Pode contribuir no desenvolvimento de comunicação e sua prática com ênfase na compreensão significativa em diferentes situações da fala.